



SENADO EM CRISE

Políticos próximos de FHC temem que dura punição contra Antonio Carlos possa trazer sérias consequências para o governo. Motivo: 2002 é ano eleitoral e o trombone ACM pode ganhar força junto à oposição

Os efeitos da cassação

Denise Rothenburg
Da equipe do **Correio**

O pior dos mundos para o governo. Este é o cenário que alguns ministros e assessores próximos ao presidente montam na hipótese do Senado cassar o mandato do ex-presidente da Casa Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). Esse grupo de políticos, todos com alguma experiência, não tem dúvidas e se prepara para alertar o presidente Fernando Henrique Cardoso: Antonio Carlos fará da Bahia uma trincheira, com um amplificador em seu trombone e, de lá, disputará com o PT a supremacia oposicionista.

Esses políticos não têm dúvidas de que Antonio Carlos atribuirá sua cassação ao fato de ter "incomodado" Fernando Henrique Cardoso ao assinar o pedido de criação da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Corrupção. E que exibirá, de público, todos os documentos remetidos diariamente ao seu gabinete, com denúncias contra o seu sucessor na presidência do Senado, Jader Barbalho (PA), e contra o governo. Além disso, o senador baiano jogará todo o seu crédito eleitoral na Bahia no colo do ex-ministro da Fazenda Ciro Gomes (PPS). E Ciro não está em posição de recusar apoios.

Na avaliação dos políticos, uma possível cassação do mandato de Antonio Carlos pode tornar insustentável a pressão pela cassação do mandato de Jader, que tem a empresa de sua mulher, Márcia Centeno, envolvida no escândalo da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam). Neste cenário, calculam políticos, o PMDB não terá outra saída, senão entregar a cabeça de Jader. Desestruturado, o partido também passará a culpar o governo.

GUERRA FRIA

Com a base governista em pé de guerra, dificilmente, algum partido conseguirá manter sob seu comando as rédeas de uma CPI. Em meio a esse clima, chegará o ano eleitoral, quando estarão todos mais interessados na campanha do que na continuidade do projeto político de Fernando Henrique Cardoso ou mesmo na eleição de alguém próximo a ele. "A guerra fria vai se transformar na guerra mundial", comentou com o **Correio** um senador do PSDB.

Essas previsões que não vieram de nenhum adivinho ou guru. São de pessoas do próprio governo. E foram discutidas recentemente pelo secretário-geral da Presidência da República, Aloysio Nunes Ferreira e pelo assessor especial da Presidência, Moreira Franco, com alguns senadores e o ministros. Ocorre que até a noite de quarta-feira,

José Varella 14.7.00



FHC: ASSESSORES DEVERÃO ALERTAR O PRESIDENTE SOBRE RISCOS ELEITORAIS SE CASSAÇÃO DE ACM FOR CONSUMADA

ninguém tinha, de fato, levado essa preocupação a Fernando Henrique. Naquela noite, o governador da Bahia, César Borges, e o prefeito de Salvador, Antonio Imbassahy, foram conversar sobre o assunto com o ministro-chefe do Gabinete Civil, Pedro Parente. Saíram de lá pouco depois da meia-noite. Estão todos tentando uma forma de dizer tudo isso a Fernando Henrique, ou seja, lembrar que ainda há um país a governar passada a temporada de cassações no Congresso e que prejuízos essas cassações podem trazer ao próprio governo.

O presidente Fernando Henrique tem dito em todas as oportunidades que a violação do painel acabará na cassação dos três — José Roberto Arruda (sem partido), Antonio Carlos Magalhães e, por tabela, Jader Barbalho. Também não tem feito o menor gesto

para salvar qualquer um deles. Um senador do Rio Grande do Norte comenta: "Estão todos se esquecendo que há um país a governar e que cassar alguém como Antonio Carlos Magalhães, por um erro menor — ele não roubou, apenas viu uma lista — pode esfregar a base do governo".

Já o senador José Roberto Arruda (sem partido-DF) não é considerado um problema para o Palácio do Planalto, nem para a correlação de forças dentro do Congresso. Ameaçado de expulsão, ele saiu do PSDB e a avaliação dos ministros, senadores e assessores do presidente é a de que uma cassação de seu mandato não irá ter qualquer reflexo sobre a política nacional e os planos sucessórios de cada um.

O problema é que os senadores não estão certos de que a opinião pública aceitará a cassação de Arruda, poupando Antonio

Carlos. Dependerá ainda do tamanho da sua culpa no caso, a ser aferida pelo Conselho de Ética e Decoro Parlamentar. "Ele é maior que esse episódio. Por isso, fica difícil segurá-lo. Aqui o julgamento é político", comentou um político. Até então ACM deixou uma série de dúvidas sobre sua participação no caso (*leia reportagem na página 6*).

Dos três senadores que estão sob suspeita perante à opinião pública, apenas Jader Barbalho é considerado um enfermo que ainda tem mais tempo para reagir à infecção. Porque o seu caso só será tratado depois de resolvido o problema interno da Casa, leia-se os senadores Antonio Carlos Magalhães e José Roberto Arruda. Mas ele sabe que será a "bola da vez", assim que a crise do painel for dissipada.

■ COLABOROU OLÍMPIO CRUZ NETO